

# ■ O QUE ACONTECE QUANDO O ALUNO ■ DESCOBRE QUE NÃO APRENDEU TUDO ■ O QUE DEVERIA TER APRENDIDO NO CURSO?<sup>1</sup>

LEANDRO CERRI  
Consultor, lescerri@gmail.com

Aquela tarde parecia como todas as outras, mas só parecia. O professor estava em sua sala de trabalho, entretido em seus afazeres profissionais, que tanto prazer lhe proporcionavam. De repente, surgiu um aluno na porta, com ar de quem estava muito, mas muito preocupado. Perguntou se o professor poderia recebê-lo para **uma conversa um tanto urgente**, ao que o professor aceitou, por sentir que o momento era delicado.

O aluno, quase rompendo em prantos, disse que havia **descoberto algo terrível**. Faltando poucos meses para sua formatura e, somente agora, ele havia percebido que, apesar de ter passado mais de quatro anos na faculdade, **não se sentia capaz e seguro para encarar os desafios do mercado de trabalho**. E agora, o que iria fazer?

O professor, já mais aliviado por notar que o problema era menos grave do que havia suposto, disse para o aluno ficar calmo e esclareceu que, algumas vezes, em anos anteriores, outros formandos também o tinham procurado com a mesma preocupação. Salientou que esse sentimento era mais frequente em alunos que, durante o curso, **não tinham realizado atividades extracurriculares**, especialmente estágios em empresas.

Embora o aluno tivesse demonstrado certa surpresa, o professor mencionou que essa descoberta da falta de preparo para o mercado de trabalho era **relativamente comum**.

O aluno quis saber, então, como algo tão grave poderia ser considerado **normal**, sem que alguma **providência imediata** fosse tomada.

O professor chamou a atenção do aluno, pois ele havia dito que aquele fato era comum, mas não o considerava normal. **Deve-se cuidar para não confundir o significado dessas duas palavras**, explicou o professor.

O professor esclareceu que **poucos docentes tinham essa percepção de que os alunos acabavam tendo uma formação incompleta**, aquém da que poderiam ter, ante a carreira profissional a ser iniciada. Ponderou, ainda, que acreditava que uma das principais causas era que **a quase totalidade dos docentes do curso não conhecia bem o mercado corporativo**, pois só tinham atuado no meio acadêmico.

Explicou, também, que os concursos para ingresso no corpo docente das universidades solicitam **qualificações restritas ao universo acadêmico**, como titulações, publicações, orientações, experiência didática etc., não exigindo experiência no mercado corporativo, ainda que, em alguns casos, o docente esteja sendo contratado especificamente para ministrar disciplinas profissionalizantes.

Por todas essas razões, uma parcela dos alunos completava seus cursos com um **sentimento de insegurança**, de **ausência de confiança** e de **falta de prática** para atuar no mercado corporativo, pois tiveram formação predominantemente acadêmica.

1 trecho do Capítulo 6 do livro “**GUIA DO PROFISSIONAL ESSENCIAL: 5 passos para estruturar sua carreira no mercado pós-pandemia**”, de autoria de Leandro Cerri (leandrocerra.com)

O aluno, já um pouco mais calmo, mas ainda procurando enxergar alguma forma de resolver seu problema, quis saber como era estruturado o curso.

Diante dessa questão, o professor passou a explicar como era o **projeto didático-pedagógico** que, tradicionalmente, os cursos adotavam, desde algumas décadas, sem grandes processos de atualização. Tudo era baseado no acúmulo de informação, transmitida aos alunos quase exclusivamente por meio de **aulas expositivas**, de modo que o curso não preparava o aluno para trabalhar, **só proporcionava o acúmulo de um monte de conhecimento teórico**. E o pior, toda essa informação acumulada era **descontínua e desconexa**, sem uma organização para aplicação prática imediata no mercado de trabalho.

O professor prosseguiu dizendo que o docente de cada disciplina ia às aulas e apresentava seu conteúdo, mas **sempre cabia ao aluno integrar as informações novas ao todo já aprendido**. Só que o aluno, com toda sua imaturidade natural, era – e sempre será – **o agente mais despreparado para fazer essa importante integração**.

Para o professor, poucos docentes “traziam o mercado de trabalho para dentro da sala de aula”, criando oportunidades para que **os alunos realizassem atividades similares às que fariam em seu dia a dia profissional**, no mercado corporativo. Ou seja, o desenvolvimento de habilidades

– saber fazer – acabava não sendo prioritário na formação dos alunos.

Segundo o professor, quando o aluno faz estágio em alguma empresa, tem a **oportunidade de integrar parte desse conteúdo que havia acumulado**, aplicando-o ao trabalho que executa como aprendiz. As tarefas realizadas durante o estágio permitem ao aluno um maior contato com o tipo de atividade que um profissional realmente executa, **favorecendo o desenvolvimento de habilidades práticas**.

A essa altura, ao ouvir atentamente as explicações do professor, o aluno fez a pergunta inevitável:

– Então, **por que não mudam o jeito de dar as aulas do curso?**

– Simplesmente porque **a maioria dos docentes não entende que seja necessário** modernizar a estratégia didático-pedagógica do curso, respondeu o professor.

O aluno não se importou muito com essa resposta, pois sua preocupação maior era resolver seu problema. Para ele, não adiantaria mudar a estratégia didático-pedagógica do curso agora que ele já estava concluindo seus estudos. Finalmente, com ar de desânimo, **perguntou ao professor o que havia faltado em sua formação**.